

REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO NA SALA DE AULA

Coordenadora: Maristela Rosso Walker (UFAC- Cruzeiro do Sul-AC)

RESUMO: Os artigos reunidos nesse painel são oriundos de pesquisas que têm por objetivo refletir sobre tecnologia de informação e comunicação (TIC) na sala de aula. No primeiro trabalho, as autoras refletem sobre a seguinte questão: de que forma a tecnologia afeta o mundo do trabalho e a educação? Analisa as respostas dos alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre (UFAC) com base nos Estudos Culturais. As respostas apontam aspectos positivos e negativos da tecnologia, de um lado, a tecnologia de mídia facilita a vida das pessoas e, de outro, o desemprego gerado pelos cursos a distancia favorece a precariedade do ensino realizado por tutores que assumem várias disciplinas. A carência de recursos midiáticos e tecnológicos, de bibliotecas e de acesso à internet também dificultam o trabalho de estudantes e professores da Região Norte. No segundo trabalho, a autora trata de uma pesquisa-ação com três professores do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) nas cidades de Assis Chateaubriand, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão no Paraná. Este Programa tem a participação e orientação de docentes das Universidades Estaduais e Federais do Paraná. O problema desta investigação é: De que forma as TIC podem melhorar o trabalho pedagógico e mudar o processo ensino-aprendizagem? Com a orientação de docentes universitários dos professores PDE realizaram um trabalho coletivo no ambiente virtual de aprendizagem e organizaram um trabalho didático-pedagógico. A formação continuada em serviço trouxe reflexões na ação pedagógica e uma nova práxis na escola. No terceiro trabalho, as autoras discutem os desafios gerados pelas tecnologias midiáticas na escola e as possibilidades pedagógicas na sala de aula, com base nos Estudos Culturais. Analisa o contexto atual marcado pela globalização e pelo avanço tecnológico e as repercussões das mídias nas escolas e no trabalho docente, elencando desafios e possibilidades nas práticas pedagógicas.

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS FUTUROS PROFESSORES

Maristela Rosso Walker
Universidade Federal do Acre - Cruzeiro do Sul
Doutoranda em Educação–UEM-PR.

Teresa Kazuko Teruya
Universidade de Brasília-UnB-DF

Resumo:

Este artigo é fruto de reflexões desenvolvidas junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Informática Aplicada à Educação (GEPIAE) da UEM e Grupo de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologia e Educação a Distância da UnB, cadastrados junto ao CNPq. Temos como objetivo conhecer o conceito de tecnologia dos futuros pedagogos e discutir a seguinte questão: de que forma a tecnologia afeta o mundo do trabalho e a educação? Para coleta de dados, entrevistamos 63 alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre (UFAC) do Campus Floresta em Cruzeiro do Sul. Com base nos Estudos Culturais, analisamos as respostas. Os resultados indicam que há carência de recursos midiáticos e tecnológicos, de bibliotecas e de acesso à internet, dificultando o trabalho de estudantes e professores da Região Norte. O conceito de tecnologia que predomina entre os entrevistados pode ser sintetizado como tudo aquilo que o homem produz no intuito de facilitar determinado trabalho, usando a ciência para produzir técnicas avançadas, substituindo total ou parcialmente o trabalho braçal e manual. A tecnologia da informação e comunicação pode ser uma aliada do professor em suas tarefas rotineiras, na organização das aulas para tornar o processo de ensino mais atrativo e dinâmico. A informática permite o acesso à pesquisa de maneira rápida e disponibiliza o acesso ao conhecimento. Por outro lado, os entrevistados apontam aspectos negativos como o desemprego gerado pelo ensino a distância que substitui o trabalho de grupo de professores por tutores que assumem a docência de várias disciplinas. Afirmam que qualidade dos cursos ofertados a distância nem sempre correspondem ao proposto. Apontam à precariedade da efetiva participação dos envolvidos no processo intermediados pelas máquinas. Consideramos que essa situação é fruto da divisão do trabalho na sociedade capitalista para aumentar a produtividade em menos tempo e com mais eficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores. Tecnologia e educação. Profissão docente.

Como se configura o trabalho docente na era das tecnologias.

Vivemos um período conturbado, marcado por profundas mudanças em todas as esferas: sociais, econômicas, educacionais, políticas, históricas, culturais. São mudanças que integram o cotidiano das pessoas, o convívio social, as estruturas sociais, principalmente provocadas pelo avanço científico e tecnológico. Foram séculos de vigência do paradigma positivista advindo do pensamento newtoniano-cartesiano, que acarretou a divisão entre pensamento e ação, teoria e prática, saber e semi-saber, classes desfavorecidas e classes dominantes. Com a globalização econômica, não há como negar que houve progresso científico e tecnológico com base nesse paradigma e que esse pensamento possibilitou ao homem construir um mundo repleto de tecnologias. No entanto, ao mesmo tempo em que a globalização permite a disseminação da informação em tempo real, verificamos à falta de informação, miséria, insegurança e violência. Tudo isso nos dá a certeza de que é necessário refletir e agir para não ficar à mercê dos interesses econômicos e políticos que imputam à educação o papel de “transformadora da realidade”

No meio desse cenário conflituoso, encontra-se o professor. Um ser que é fruto dessas relações, com seu saber limitado, marcado por contradições, com concepções que apontam diversas tendências epistemológicas, muitas vezes sem saber que rumos seguir, pois sua ação está repleta de apreensões como os expressos por Torga (1955, *apud* NÓVOA, 2000, p.13) que demonstram a impotência e perplexidade do professor:

Nos dias assim de trabalho profissional intenso, cada sintoma pesado numa balança de precisão, cada golpe do bisturi na tangente do erro que o tornaria fatal, o poeta que dentro de mim não se resigna, nem se cala, acaba por me irritar como uma criança importuna e teimosa. [...] e nem a paz do dever cumprido saboreio quando dispo a bata. É como se um sacerdote acabasse de rezar uma missa em pecado mortal, com o diabo no corpo.

Dessa forma, são muitas inquietações que surgem em nossa caminhada ao longo de 30 anos dedicados ao magistério, que nos permitem questionar, buscar e rever conceitos de como vêm sendo conduzidos os trabalhos de formação de professores na atualidade, visto ser a mesma, alvo de constantes críticas. Não é um assunto novo, mas carece de aprofundamento, por se tratar de uma necessidade real do professor, assim como integrante de uma legislação que o obriga a realizá-la sob diversas roupagens.

Nesse período de atuação, dos últimos 30 anos dedicados à docência, a formação de professores é uma preocupação, porque quando se muda a legislação, instituem-se

novos currículos, aumentando os gastos com cursos e treinamentos. Os palestrantes são convidados para falar sobre as últimas tendências educacionais. Os resultados obtidos, analisados à luz de diferentes métodos avaliativos, apontam quase sempre para o fracasso do trabalho pedagógico. Ora a culpa recai sobre o aluno, ora sobre o sistema educacional, ora sobre o professor; sempre há um culpado, um bode expiatório. No entanto, a causa é mais profunda do que a visão do senso comum quer mostrar. Afinal, como argumentam Tardif e Raymond (2000, p. 209)

[...] se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, com o passar do tempo, ela tornou-se – aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor, com sua cultura, seu éthos, suas idéias, suas funções, seus interesses etc.

A atuação dos (as) alunos (as), futuros pedagogos, depende da formação que recebem na universidade. Essa formação está repleta de marcas que são impressas por diferentes posições epistemológicas do quadro docente formador, das vivências, das experiências, do mundo do trabalho, enfim, em diferentes contextos e situações. A incerteza invade o espaço escolar e exige mudança sem um rumo definido, gerando perplexidades e conflitos. “Há um *excesso de discursos*, redundantes e repetitivos, que se traduz numa *pobreza de práticas*.” (NÓVOA, 2009, p. 11).

O discurso da globalização justifica a necessidade de atualização permanente das instituições escolares aos novos padrões hegemônicos. Contudo não há como negar que essa discussão precisa ser aclarada, conforme descreve Barreto (2004, p. 1182):

[...] caracterizada como construção ideológica, seja, como querem alguns, posta como conceito explicativo de uma nova ordem mundial, um aspecto desta realidade não pode ser ignorado: a educação como um todo e o trabalho docente, em especial, estão sendo reconfigurados. Em outras palavras, na perspectiva da “globalização” e do “globalitarismo”, termo cunhado por Ramonet (1999) para dar conta da espécie de ditadura do pensamento único que regula a construção ideológica, a escola deve romper com a sua forma histórica presente para fazer frente a novos desafios.

O discurso da globalização tende a homogeneizar o pensamento para o uso das tecnologias de informação e comunicação na prática docente como uma das múltiplas habilidades exigidas pelo mundo do trabalho. No espaço escolar é comum ouvir expressões como: “o professor não sabe usar o computador”; “ele continua dando aulas só no quadro”, “só usa o livro didático”. Esses fragmentos expressos no cotidiano

escolar apontam como responsável pelo fracasso da educação, a falta de formação do professor para lidar com os recursos tecnológicos. Isso implica que os currículos de formação de professores precisam ser revistos, analisados e novas propostas devem ser elaboradas para fazer frente aos novos desafios.

Para Moran (2004, p.247) com as mudanças ocorridas não só pela globalização mas também com a internet e outras tecnologias surgem novas possibilidades de organização das aulas seja dentro ou fora da universidade. A sala de aula tem seu espaço ampliado dentro da instituição escola.

Mas como ampliar esse espaço? A universidade da região norte do Brasil, por exemplo, utiliza poucos recursos tecnológicos na sala de aula. O que predomina é o uso do computador como ferramenta de digitação de trabalhos acadêmicos. As pesquisas realizadas pelos alunos utilizando a internet complicam a vida do professor por favorecerem cópias de textos, figuras e artigos extraídos de sites de buscas que necessitam de uma investigação para verificar se é plágio ou não. De que maneira podemos iniciar uma mudança neste cenário? As tecnologias modificam as formas de trabalho, a comunicação, a vida cotidiana e o pensamento. Nesse sentido, Perrenoud (1999, p. 5) indaga:

Quais as lições que daí podem ser tiradas para a formação de professores? Certamente, convém reforçar sua preparação para uma prática reflexiva, para a inovação e a cooperação. Talvez importe, sobretudo, favorecer uma relação menos temerosa e individualista com a sociedade. Se os professores não chegam a ser os intelectuais, no sentido estrito do termo, são ao menos os mediadores e intérpretes *ativos* das culturas, dos valores e do saber em transformação. Se não se perceberem como depositários da tradição ou precursores do futuro, não saberão desempenhar esse papel por si mesmos.

Os autores como Perrenoud (2001), Shon (2000), Nóvoa (2000), Zeichner (1993) nos remetem a discussão sobre a prática reflexiva e a participação crítica como orientações prioritárias na formação de professores. É nesse sentido que a escola e os professores não podem ficar imóveis a esses contextos sociais em transformação. Por isso, fomos a campo perguntar aos alunos do curso de Pedagogia, o que entende por tecnologia e como ela afeta o mundo do trabalho e a educação. Nosso objetivo é conhecer o conceito de tecnologias dos alunos do Curso de Pedagogia, especificamente os formandos da Universidade Federal do Acre (UFAC) do Campus Floresta em Cruzeiro do Sul. Buscamos responder a seguinte questão: De que forma a tecnologia afeta o mundo do trabalho e a educação?

Para conhecer a visão dos futuros educadores, entrevistamos os alunos do curso de Pedagogias que frequentaram a oficina Tecnologia e Educação, ofertada no 1º semestre de 2008 e no 1º semestre de 2009, com uma carga horária de 36 horas em cada semestre. Participaram no total 82 alunos do 7º período do Curso de Pedagogia. No início da oficina, foi solicitado aos alunos para responderem livremente sobre o conceito de tecnologia e como ela afeta o mundo do trabalho e a educação. Deste total, por condições que vão desde deslocamento, intempéries e problemas de saúde, responderam efetivamente 63 alunos correspondendo a 76,8% do universo pesquisado. Dos 63 entrevistados, 47 são alunas do sexo feminino e 16 são do sexo masculino, confirmando a predominância do sexo feminino no Curso de Pedagogia e por consequência na atuação do Magistério. Na seqüência relataremos qual foi o resultado obtido:

O que é tecnologia para os futuros pedagogos.

Iniciamos a oficina com a seguinte pergunta: o que é tecnologia? Os futuros pedagogos, em sua grande maioria, conceituam como “máquinas, instrumentos ou tudo aquilo que o homem cria para facilitar sua vida ou seu trabalho, substituindo o homem parcial ou totalmente em suas rotinas diárias”. Esta foi a resposta de 100% dos alunos e alunas entrevistados. Constatamos que há uma visão otimista sobre o papel da tecnologia na vida humana, já que não se apontam os aspectos negativos que a tecnologia trouxe em seu arcabouço.

Não há como negar os benefícios que a tecnologia trouxe para as nossas vidas, por exemplo, o aprimoramento da indústria, do comércio, da velocidade dos meios de comunicação e dos transportes. Impossível imaginar o mundo moderno sem telefone, sem internet, sem as grandes máquinas que simplificam o trabalho humano, sem os avanços da medicina propiciados pela tecnologia. No entanto, alertamos para os perigos do chamado progresso tecnológico que trouxe também o desemprego, a falta de acesso dos miseráveis e excluídos da sociedade. Entendemos que um dos papéis primordiais dos professores formadores é exatamente descortinar os diferentes lados que envolvem educação e tecnologia. Constatamos um grave problema quando a escola muda sua missão ou deixa de cumprir sua tarefa maior e suas finalidades em cada mudança política e econômica que ocorre na sociedade em função das novas tecnologias.

Nosso ponto de partida para a reflexão e discussão sobre o que é tecnologia foi a visão descrita pelos futuros pedagogos, na seguinte resposta:

Tecnologia tem a mesma referência com a ciência do mundo moderno, nos avanços de uma sociedade com pesquisas e pesquisadores cada vez mais voltados para novas descobertas que visem solução e melhoria a vida cotidiana. Tecnologia é avanço, é técnica e é descoberta. (Jorge Luiz, 17.07.08)

Dentre todos os entrevistados, ressaltamos que somente uma situou a tecnologia aliada ao processo de comunicação e aprendizagem. Isso denota um olhar voltado para as causas da educação. Genilsa (17.07.08) afirma: “São máquinas criadas para facilitar a comunicação e a aprendizagem entre as pessoas de um mesmo local ou a distância.” Esta é a primeira referência encontrada nos depoimentos que faz menção ao ensino a distância como uma das possibilidades que a tecnologia propicia para a educação.

Em recente reportagem da Revista Nova Escola lançado em novembro de 2009 trata dos mitos e verdades sobre essa modalidade de ensino. Sem generalizar, concordamos com algumas afirmações ali descritas, por exemplo, “o curso a distância não é adequado para os mais jovens”; “é preciso ter um bom computador e uma boa conexão de internet”; “quem é disperso não se dá bem”; “as instituições investem mais em tecnologia do que em conteúdo”; “os professores são menos qualificados”; “a turma de um curso a distância é maior do que a de um presencial”; “é mais difícil de conseguir emprego” (MARTINS, 2009).

Dentre as afirmações, ganha relevância no espaço acadêmico a existência de um bom equipamento e seu acesso. Na Região Norte do Brasil, apontamos como dificuldade dos cursos a distância o problema da interatividade por causa da precariedade do acesso, das dificuldades de conexão, da escassez de recursos e do alto custo para o estudante, além da baixa qualidade dos cursos.

Os alunos entrevistados frequentam a Universidade Federal do Acre, no campus de Cruzeiro do Sul, que dispõem de um laboratório com apenas vinte computadores para atender doze cursos existentes desse campus nos três turnos. O laboratório é disputadíssimo e nem sempre está disponível para os estudantes. A sala é quente, sufocante e que não comporta uma turma de 50 alunos, como é padrão nesta instituição por causa do REUNI do governo federal.

Quando se trata da qualificação de professores na modalidade a distância, questionamos a qualidade desses cursos ministrados pelos tutores, porque quem elabora todo material didático a ser estudado e analisado pelos estudantes é um professor do curso. No entanto, é o tutor quem tira as dúvidas, repassa as atividades propostas, avalia

e atribui notas aos alunos. Esse modelo de sistema EAD é semelhante à divisão do trabalho proposto por Taylor e a prática de ensino segue o paradigma tecnicista: os gestores planejam, os professores elaboram o material didático e, por último, os tutores executam sem conhecer todo o processo. Se os professores que elaboram o material fossem os mesmos que executassem, o resultado provavelmente seria outro. Na divisão social do trabalho capitalista, o ensino a distância cumpre com um dos grandes propósitos: elevar os índices de escolaridade com baixo custo, sob a égide de pseudo-discurso de democratização da educação e elevar os níveis de escolarização dos seus professores a qualquer custo, especialmente em regiões carentes como a Região Norte do Brasil.

Outra afirmação é que as instituições investem mais em tecnologia do que em conteúdo. Isso salta aos olhos quando observamos os investimentos nesse segmento com a instalação de novas telessalas com aparelhos de videocassetes ou DVD e televisores com antenas parabólicas. O pagamento pela elaboração de materiais didáticos repassados aos especialistas das áreas de atuação é irrisório, comparados à utilização desse material por milhares de alunos. Este é o modelo de expropriação do trabalho docente que retira a mais valia da educação e da carreira docente e, na maioria das vezes, o professor nem percebe. Diante da exigência de produção que se traduz em publicações, lá se vão anos de pesquisa a baixo custo para ser trabalhado de qualquer jeito. Em situações precárias, encontramos tutores sem formação para a docência na área específica, portanto, são reprodutores do senso comum. Na prática de ensino, copiam de livros e exibem materiais de qualidade duvidosa. Isso tudo remete ao que veremos a seguir.

Entre os entrevistados, o que nos chamou a atenção foi o fato de que somente 14 alunos (22,2% do total) vincularam a tecnologia com o mundo globalizado, com a globalização, por exemplo, o seguinte depoimento:

Com a globalização, percebe-se cada dia mais os avanços de novas técnicas e maneiras de perceber o mundo que nos cerca e isso se dá mais devido ao crescimento tecnológico. Hoje quem não acompanha a tecnologia torna-se afastado de muitas coisas o que deixa o indivíduo dominado pelas máquinas, por isso é necessário que estejamos sempre acompanhando os avanços das ciências e das técnicas novas que são lançadas a cada dia. (Sueli, 06.07.09)

Perrenoud (1999, p. 5) argumenta que é extremamente complexo para a escola mudar suas finalidades a fim de atender ao novo perfil de emprego. “Sem dúvida, os

professores, os seus alunos e seus pais fazem parte do mundo do trabalho e, evidentemente da sociedade civil. [...] Assim, por meio deles, a sociedade está dentro da escola tanto quanto o inverso”. Os empregos tendem a mudar com as crises econômicas e a missão maior da escola é democratizar o acesso ao saber. Nesse momento, portanto, o professor e a professora precisam incorporar o seu papel mediador e abrir espaço para as discussões pertinentes sobre o processo de globalização nas diferentes esferas sociais.

No mundo globalizado, a informação e o conhecimento estão circulando pela mídia digital e virtual. Exigem-se mudanças radicais de paradigmas nos sistemas educativos. Para atender às novas exigências do mercado internacional, a proposta dos organismos internacionais é subordinar a escola às novas leis do mercado. Muda o papel da escola (TERUYA, 2006, p. 39).

É urgente perceber e debater a influência desse processo que tende a homogeneização para nos tornar iguais, um processo que marginaliza as diferenças culturais, geográficas, econômicas e sociais. O discurso de que todos têm acesso, só não consegue quem não quer, está cada vez mais forte e impregnado no meio acadêmico, sem dar voz àqueles que, por mais que lutem, não conseguem ultrapassar determinadas barreiras.

Outro dado coletado com os entrevistados refere-se aos equipamentos relacionados ao conceito de tecnologia: 15,8% deles vinculam a celulares, computadores, telefones, televisão, internet, projetor de multimídia como os maiores avanços dos últimos tempos em relação ao desenvolvimento tecnológico. Esse pensamento está voltado para o senso comum, para aquilo que está ao alcance desses estudantes.

Durante a tabulação dos dados houve também referência ao fato de que junto com o avanço tecnológico ocorreu também o sedentarismo. Com a liberação das atividades de cunho repetitivo do homem, o tempo que ele utiliza sentado em frente ao computador ou outras máquinas, agravou a falta de atividade física. Apostava-se que seria o contrário: com maior tempo livre o homem poderia dedicar-se às atividades físicas e de lazer para melhorar sua condição de saúde. No entanto, percebemos o oposto: a cada dia, o tempo livre está ocupado com a tela do computador com o uso de blogs, chats, msn, email e sites de busca. As atividades de ensino a distância *online* também obriga o docente a passar muitas horas diante do computador. Se antes éramos escravos do relógio ponto, agora há um vigia constante que nos mantém conectado aos alunos, para responder os questionamentos, tirar dúvidas, em horários cada vez mais

diferenciados, adentrando noites, e isso não é contabilizado como horário extra ou posterior às 22 horas, como adicional noturno.

Dessa forma, percebemos cada vez mais a presença da tecnologia na educação. Isso nos remete ao nosso problema: de que forma a tecnologia afeta o mundo do trabalho e a educação?

A tecnologia afeta o mundo do trabalho e a educação.

Os alunos da Pedagogia apontam aspectos positivos e negativos em relação a incorporação a tecnologia no mundo do trabalho e no cotidiano. Dentre as respostas, destacamos a seguinte:

A tecnologia afeta o mundo do trabalho a partir do momento que o homem passa a ser objeto da tecnologia, ou seja, as pessoas não conseguem viver sem determinadas invenções. Ao mesmo tempo facilita a vida do homem de modo que produz em grande quantidade, em menos tempo e principalmente é vista como progresso (Clênia, 17.07.08)

Esse relato é comum a 90% dos entrevistados, que traduz e verbaliza o pensamento que parece dominar a nossa sociedade. Nilda Alves (2004, p. 219) analisa a relação *'localuniversal'*, apontando para algumas discussões que são pertinentes sobre os *espaçotempos* de formação e sua localização neste emaranhado de inovações que nos cercam:

Sendo assim, para entender, realmente, como por diversos fios se tece a idéia de *conhecimento em rede*, é preciso admitir, de saída que existe a criação de novos conhecimentos no uso cotidiano de novas tecnologias e que são múltiplos os caminhos pelos quais os tão diferentes *praticantes* (grifos da autora) conhecem. Criar *espaçotempos* para a ampliação desses conhecimentos, por meio de múltiplas redes de contatos e trocas torna-se, hoje, o grande desafio aos realmente interessados em criar uma nova sociedade e um novo mundo.

É possível afirmar que essas redes de contato dos diferentes *praticantes* se estabelecem na instituição escolar cada vez mais cedo. As leis educacionais brasileiras em curto espaço de tempo vêm ampliando o acesso à escolarização. Há a obrigatoriedade de incluir os alunos na rede escolar a partir dos 6 anos de idade. Para breve, existem discussões e projetos que ampliam essa demanda para que a entrada aconteça aos 4 anos de idade, buscando com isso uma equivalência das classes menos favorecidas em relação às mais abastadas. Mas tudo isso nos remete a discussão de

novos conhecimentos que são exigidos e vão se estabelecendo, muitas vezes sem que os educadores percebam como isso ocorre.

O diálogo e a convivência dos alunos no decorrer de sua escolaridade e no extraescolar estão impregnados pela tecnologia e pelo conhecimento em rede. O que os alunos pesquisados responderam sobre como a tecnologia afeta o mundo do trabalho e a educação também remete a esse novo conhecimento.

Com relação a educação, a tecnologia traz condições de tornar o ensino mais produtivo, trazendo maiores oportunidades de buscar o conhecimento, seja através de computadores, da TV e outros equipamentos eletrônicos que facilitam esse processo. Entretanto, muitas vezes essa tecnologia se torna uma vilã para a qualidade do ensino, seja pela falta de capacitação de professores, pela “facilidade” em encontrar tudo pronto, não facilitando a reflexão por parte dos outros, entre outros fatores. (Damila, 17.07.08)

A maioria das respostas dos entrevistados indica a tecnologia como uma aliada do professor, seja para tornar as aulas mais atrativas com recursos midiáticos, com equipamentos de informática, com o uso de filmes, da televisão e até mesmo o velho mimeografo já aposentado em algumas escolas foi citado. Afirmam que com o uso da tecnologia os sistemas acadêmicos são mais ágeis, rápidos auxiliando os gestores escolares. Os trabalhos de pesquisa acadêmica tiveram seu espaço ampliado. A própria forma de redigir os trabalhos sofreu grande influência com o uso de novas tecnologias. No depoimento de Valquiria (17.07.08) aponta que:

Na perspectiva educacional, ela afeta negativamente, no que se refere à sua falta na escola, fazendo com que professores se deparem com alunos bem informados e que estão acostumados com todo tipo de recursos audiovisuais enquanto os professores continuam com suas aulas desinteressantes com quadro-negro, giz, caderno e livro didático; positivamente quando a escola possui esses recursos e os utiliza da forma correta, tornando as aulas mais atrativas.

Diante do exposto, constatamos a necessidade urgente de incluir nas instituições formadoras de professores, espaços de discussão, reflexão sobre uma nova maneira de ensinar, com a ampliação dos espaços de ensino e aprendizagem, que levem os futuros professores a terem competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas em diferentes espaços: uma nova sala de aula, o espaço do laboratório conectado a uma rede de comunicação instantânea, a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem, a inserção em ambientes experimentais e profissionais (prática/teoria/prática) como aponta Moran (2004). Mas nada disso será suficiente se no ambiente de trabalho o

professor não tiver acesso a esses recursos e discernimento crítico para contrapor e diferenciar o que é conhecimento do que é mera informação.

Considerações.

Este artigo pretendeu contribuir com as discussões sobre formação de professores, sobre o trabalho docente e a incorporação das tecnologias como a informática e a internet no cenário da formação inicial de professores. No decorrer desta reflexão, procuramos descrever o conceito de tecnologia e como ela afeta o mundo do trabalho e a educação para os alunos do Curso de Pedagogia, a fim de pensar criticamente uma prática pedagógica dos futuros educadores.

Em nossa perspectiva, entendemos que o professor é um trabalhador impregnado de intenções e ações, que foram traduzidas da sua prática, da sua vivência com outras pessoas, em um contexto social, político, econômico, cultural, educacional. Ele integra e modifica a sociedade por meio de seu trabalho, ao mesmo tempo em que o trabalho também o modifica na medida em que acompanha as mudanças dos discursos.

Além disso, alertamos para as mudanças que estão em curso e que afetam todas as pessoas indistintamente, alterando seus modos de ser, viver, conviver, trabalhar, compreender, aprender e ensinar com a incorporação das TIC. Essas mudanças obrigam a repensar nossas ações para tornar coerente o nosso discurso quando pretendemos materializar nossas práticas na formação de novos professores.

Destacamos dentre as medidas possíveis: Primeira, a necessidade de que os professores que atuam em sala de aula sejam os formadores dos futuros professores, dando voz a experiência dos que já atuam, numa relação imbricada e permeada de trocas, no início da carreira docente e já nos estágios. É necessário pensar uma formação que articule os conhecimentos que vêm do ambiente interno da escola com aqueles advindos do seu exterior, para que os futuros professores trabalhem com problemas reais, estudos de caso em conjunto, pois só assim será possível sair da prática social inicial e chegar a prática social final proposta pela teoria histórico-cultural.

Segunda, a promoção de novos modos de organização da profissão docente por meio da melhoria das condições de trabalho levando em consideração a formação mútua, o sentimento de pertença a profissão, a busca de uma identidade profissional, o resgate do papel do professor elevando o status do professor.

Terceira, reforçar a dimensão pessoal do professor por meio da elevação da sua presença pública nos meios de comunicação, nas mídias, pois quem não é visto não é lembrado nestes tempos de globalização.

Essas e outras medidas precisam orientar nossas discussões que perpassam também pelo espaço da formação permanente, que podem e precisam ser pautadas por mecanismos tecnológicos que estão a disposição (ainda que de maneira insatisfatória e precária) dos formadores e futuros professores como instrumentais que podem mudar as condições de trabalho e de vida dos professores.

Referências

ALVES, Nilda. Imagens de tecnologias nos cotidianos das escolas, discutindo a relação 'localuniversal'. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. (Org.) **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na Educação**. Curitiba: Champagnat, 2004. V. 4.p. 215-227,

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. **Educação e Sociedade**. Campinas: Unicamp, v. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso 25 de outubro de 2009.

MARTINS, Ana Rita; MOÇO Anderson. Vale a pena entrar nessa? Educação a distância. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, ano XXIV, n. 227, nov.2009.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. (Org.) **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na Educação**. Curitiba: Champagnat, 2004. v. 4. p. 245-253,

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto, PT: Porto Editora, 2000. p. 11-30.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa, PT: Educa, 2009. 41p.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED. Rio de Janeiro: Autores Associados, v.12, p. 5-20, Set./Dez.1999.

SHON, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TARDIF, Maurice, RAYMOND Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, Dezembro/00. p. 209-244.

TERUYA, T. K. Trabalho e educação na era mediática. Maringá: Eduem, 2006.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: Idéias e Práticas.**
Lisboa: EDUCA, 1993.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR: O PDE EM AÇÃO NA ESCOLA

Denise Rosana da Silva Moraes
Docente da Unioeste, Foz do Iguaçu-PR
Doutoranda em Educação – UEM-PR

RESUMO:

Este artigo faz parte das discussões realizadas no Grupo de pesquisa em Ação educativa, infância e alfabetização no contexto de fronteira – GPAE, cadastrado junto ao CNPq. Analisamos os resultados obtidos em uma pesquisa-ação desenvolvida junto com os professores e as professoras PDE, nas cidades de Assis Chateaubriand, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão no Estado do Paraná. O objetivo é refletir sobre o uso dos recursos tecnológicos e sua contribuição para organização do trabalho pedagógico. O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE faz parte de uma política governamental de formação continuada dos educadores da Educação Básica com a participação e orientação de docentes das Universidades Estaduais e Federais do Estado. Procura investigar o seguinte problema: De que forma as tecnologias de informação e comunicação podem melhorar o trabalho pedagógico e mudar o processo ensino-aprendizagem? Com base nos estudos de Kenski, Paulo Freire, Teruya, entre outros, analisamos os dados obtidos. Após os trabalhos desenvolvidos pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE/Campus de Foz do Iguaçu, os professores e a professora PDE alimentaram o ambiente virtual de aprendizagem com a elaboração coletiva de um plano de trabalho docente para colaborar na organização do trabalho didático-pedagógico. O PDE possibilita que professores e professoras das escolas de Educação Básica tenham uma formação continuada em serviço. No início da orientação, verificamos as dificuldades dos professores e das professoras PDE em utilizar os aparatos tecnológicos, especialmente em relação à forma, como aliar os recursos tecnológicos disponíveis ao seu plano de trabalho, ou de que forma promover a interação entre colegas de área e a comunidade escolar. A proposta de trabalho trouxe reflexões na ação pedagógica e uma nova práxis na escola.

Palavras-chave: Formação de professores e professoras. PDE. Tecnologia na educação. Ação educativa.

Introdução

O Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do estado do Paraná teve início no ano de 2007, com duração de dois anos para cada turma de professores e professoras selecionados, denominados de professores e professoras PDE. Para essa edição foram selecionados 1200 professores e professoras participantes no Estado do Paraná, divididos por área de atuação. Os professores e professoras que ingressam no programa têm afastamento remunerado de 100% de sua carga horária efetiva durante o primeiro ano e 25% durante o segundo. Esse tempo é destinado para a consecução de estudos nas universidades estaduais e federais do Estado. O critério de seleção de professores e professoras PDE é pertencer ao Quadro Próprio do Magistério – QPM, estar no nível II e classe 11 da Tabela de Vencimentos do Plano de Carreira. Após a conclusão dos estudos, ascendem para o nível III da carreira, conforme previsto no Plano de Carreira do Magistério Estadual. Só é possível essa ascensão com a participação no PDE.

O Decreto nº. 4482/2005 trata do aperfeiçoamento permanente e a qualificação sistemática do professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná e da meta qualitativa para melhorar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas estaduais.

As universidades assumem, após muitas discussões em torno de uma reformulação do projeto inicial do PDE, a formação dos professores e professoras em caráter integral e presencial. Na prática isso significou disponibilidade em organizar um plano de estudos, com a base teórica e metodológica ofertada pelas universidades estaduais e federais do Paraná, para orientar os professores no desenvolvimento de um projeto de ação na escola, chamado de intervenção. Por isso, o PDE é considerado inédito no Estado do Paraná, porque prevê e garante o afastamento dos professores para se dedicarem em tempo integral aos estudos teóricos e metodológicos das áreas específicas. Os projetos de ação orientados pelos docentes das universidades fazem parte do convênio com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) e a Secretaria de Ciência e Tecnologia (SETI).

A formação continuada dos professores PDE junto à Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE/Campus de Foz do Iguaçu uma Instituição de Ensino Superior *multicampi* localizada na região Oeste do Estado, oferece mini-cursos de conteúdos teóricos e metodológicos. Cada professor PDE tem um/a orientador/a para a elaboração de projetos de trabalho docente, a fim de melhorar o fluxo de informações entre os colegas.

O presente artigo analisa a orientação de estudos no Programa de Desenvolvimento da Educação do Estado do Paraná, por meio de uma pesquisa-ação com um grupo de três professores e professoras PDE, na área de gestão escolar. O objetivo é refletir sobre o uso dos recursos tecnológicos e sua contribuição para organização do trabalho pedagógico.

As escolas públicas de Educação Básica envolvidas nos projetos desenvolvidos pelos professores PDE localizam-se nas cidades de Assis Chateaubriand, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão, na Região Sudoeste do Paraná. A proposta de intervenção surgiu da necessidade manifestada pelos professores PDE em conhecer uma metodologia para utilizar os recursos midiáticos disponíveis em suas escolas, tais como: Laboratório de Informática e TV Multimídia.

O Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) vinculado à Secretaria de Estado da Educação do Paraná e a Secretaria de Ciência e Tecnologia (SEED/SETI) configura-se como uma política de governo, hoje, devidamente institucionalizada como um programa de formação continuada de professores e professoras da rede estadual. Esse programa promovido pelas SEED/SETI atende professores da rede estadual de Educação Básica do estado do Paraná, nos quais recebem orientação de docentes das universidades. O objetivo desse programa de formação continuada é mudar e melhorar a prática educativa.

Após o ingresso no programa, foi realizado um levantamento junto aos professores, sobre as suas necessidades mais urgentes e importantes. Os professores PDE apontavam como grande necessidade conhecer as formas de utilizar os recursos tecnológicos disponibilizados na escola, especialmente o computador, seus limites e possibilidades de uso pedagógico. De que forma as tecnologias de informação e comunicação podem melhorar o trabalho pedagógico e mudar o processo ensino-aprendizagem? Assim, estudamos esses recursos com maior aprofundamento para oportunizar aos professores PDE, melhor compreensão dos processos de aprendizagem

com a utilização da informática e suas relações com as diferentes dimensões do fazer pedagógico.

Para isso havia a necessidade de estudar a introdução da tecnologia na educação e seu conceito, investigar e propor metodologias que auxiliassem na aprendizagem, além de possibilitar a discussão sobre a importância da mediação do professor em relação ao uso dessas tecnologias, numa interação entre prática-teoria-prática.

Quando se trata da tecnologia é preciso entender o seu conceito, como “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e a utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade.” (KENSKI, 2008, p. 24).

Sobre as orientações do professor PDE.

No primeiro momento, o trabalho de orientação dos professores PDE reorganizou os seus projetos de pesquisa, elaborados a partir da realidade vivida nas escolas, para garantir a base concreta da investigação. Durante o primeiro ano, realizamos encontros para estudos e discussões acerca da intencionalidade da pesquisa e sua materialização no chão da escola.

No ano seguinte, foi o momento da aplicação do projeto de trabalho elaborado com a orientação de docentes da universidade. Foram realizados seminários com os pares em suas escolas de origem. Na realização do seminário enfatizamos a necessidade de discutir o caráter eminentemente pedagógico para a utilização das tecnologias que estão no interior da escola e a relevância do professor como mediador deste processo. O trabalho com os recursos da informática disponíveis nas escolas, proporcionou uma construção coletiva. O ambiente virtual de aprendizagem viabilizou a seleção e produção de materiais que contribuíram para organização do trabalho pedagógico e da ação educativa.

Nevado (2005) destaca que “o uso de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) vem crescendo nos mais diversificados contextos educativos, como forma de ampliação dos espaços pedagógicos, facilitando o acesso a informação e à comunicação”(NEVADO, 2005, p.1). Para desenvolver uma prática educativa na escola em relação à inserção dos recursos tecnológicos na organização do trabalho pedagógico, foi necessário definir um ambiente virtual de aprendizagem. No contexto educacional, o ambiente virtual de aprendizagem é um espaço que tem uma finalidade na ação

educativa, portanto, é empregado para designar o uso de recursos digitais de comunicação para mediar à aprendizagem.

[...] essencialmente pela leitura e interpretação de materiais didáticos textuais e hipertextuais, pela leitura da escrita do pensamento do outro, pela expressão do próprio pensamento através da escrita. Significa conviver com a diversidade e a singularidade, trocar idéias e experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações, engajando-se na construção coletiva de uma ecologia da informação, na qual valores, motivações, hábitos e práticas são compartilhados (ALMEIDA, 2003, p.338).

Essas ações realizadas no espaço virtual podem ser utilizadas na educação à distância. Neste estudo, essas atividades auxiliam o trabalho pedagógico no espaço virtual no próprio horário da aula, como possibilidade de aprendizagem.

Orientamos estudos para efetivação de uma proposta de trabalho pedagógico com o uso do computador, ressaltando o papel do professor como mediador no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com FREIRE (1976a, p.88), a primeira mediação educadora do ser humano é a existência em sua dinâmica que implica dialogação eterna do homem consigo mesmo, e com o mundo. A segunda mediação é constituída pelo processo de relações que constroem as culturas, a história, em que o trabalho humano é mediador da transformação do mundo. Freire via na educação uma mediação que “não deve ser encarada ingenuamente, como algo milagroso, que por si só fizesse as alterações necessárias à passagem da sociedade brasileira de uma para outra forma”.

Concordamos que a educação assim compreendida torna a mediação uma ação transformadora do mundo, por meio do diálogo reflexivo sobre a ação e sobre a realidade no processo de ensino e aprendizagem. “A prática e os saberes da experiência dos sujeitos são os pontos de partida – ‘seu aqui’ para chegar ao ‘lá’”. (FREIRE, 1994, p.59).

No decorrer deste estudo, propomos a socialização entre os pares nas escolas, de alguns recursos para criar um ambiente virtual de aprendizagem que permitisse a organização do trabalho pedagógico da comunidade escolar. Em seguida utilizamos esses recursos para organizar o plano de trabalho docente, bem como, para desenvolver uma prática pedagógica na sala de aula. Na construção do ambiente virtual de aprendizagem, sugerimos a utilização de diferentes mídias hoje disponíveis na Internet. “As tecnologias de informação e comunicação facilitam o acesso a textos, documentos e

mapas. Todo acesso a informações, de forma rápida via internet e via rede, contribui para melhorar o ensino” (TERUYA, 2006, p. 94).

Dentre as possibilidades para este trabalho, a ação na comunidade escolar foi avaliar selecionar e produzir hipertextos em multimídias que combinassem imagem, som, texto, movimento e animação. Esses recursos permitem organizar o ambiente virtual e preparar para serem utilizados na TV Multimídia. Todas as escolas públicas do Estado do Paraná receberam a TV Multimídia, também conhecida como TV Pendrive, que possui entrada para dispositivos de integração entre o computador e a televisão, de forma rápida e prática para reproduzir sons, imagens e vídeos.

As sugestões de uso desses recursos foram apresentadas pelos professores PDE em seu local de trabalho para os colegas nas escolas. Nos municípios de Dois Vizinhos e Francisco Beltrão, a ação educativa foi desenvolvida com a participação de professores/as, equipe diretiva e funcionários das escolas. Já na cidade de Assis Chateaubriand o trabalho foi desenvolvido com duas turmas de primeiro ano do Curso de Formação de Docentes em nível médio, o antigo Magistério. Neste sentido, tanto a formação inicial quanto continuada foram preconizadas. As sugestões contribuíram inicialmente, para repensar a organização do trabalho pedagógico e, no processo de análise mais detalhada, para enriquecer a ação educativa em sala de aula.

Os professores PDE organizaram seu trabalho pedagógico junto a seus pares e educandos/as da seguinte forma: foram montados dois grupos de trabalho com professores/as, equipe diretiva e funcionários das escolas. As leituras, as reflexões e a elaboração prática da ação educativa foram realizadas em contra turno, atendendo 32 participantes por grupo, totalizando 64 participantes. No trabalho desenvolvido com os alunos/as do Curso de Formação de Docentes foi realizada a ação na sala, durante as aulas do professor PDE que é da área de matemática. Antes de começar o estudo com os alunos, o professor PDE e a equipe diretiva da escola, fizeram uma reunião com os pais, para comunicar-lhes sobre a efetivação de tal projeto com seus filhos e filhas. Sobre a explanação do trabalho, um participante da assembléia afirmou: “O importante é que os nossos filhos aprendam [...]”.

A implementação foi realizada com duas turmas da 1ª Série do vespertino do Curso de Formação de Docentes. Dessas turmas, 75% dos alunos possuem computadores com conexão na rede mundial – internet. A maioria dos alunos tem

facilidade em lidar com o computador de forma instrumental, por causa do uso frequente do Msn e o Orkut.

Os professores e a professora PDE apresentaram as propostas de trabalho como, a criação de slides, a partir da disciplina de cada colega e o trabalho com a internet para enriquecimento das aulas. A criação de um blog entre os colegas para troca de informações sobre sua prática pedagógica, incluiu professores que ainda não trabalhavam com e-mail, criando uma lista entre os participantes para a utilização de um ambiente coletivo.

Foi trabalhado ainda o site do Portal Dia-a-dia Educação que permite o acesso a uma diversidade de informações e produções, disponibilizados nos ambientes: educadores, alunos, escola e comunidade. Esses ambientes oferecem aos educadores a possibilidade de pesquisa, bem como, espaço para inserção de suas produções. Os ambientes virtuais disponibilizam uma enorme gama de possibilidades, no entanto, os professores PDE tiveram que, ao longo do processo, avaliar cuidadosamente cada recurso, selecionando, de forma crítica, os instrumentos que realmente pudessem contribuir para ampliar a formação do aluno.

A ação educativa dos professores PDE junto a seus pares nas escolas, resultou na criação de um ambiente virtual e na elaboração de um plano de trabalho docente em grupo que contemplou as atividades com os recursos tecnológicos. Os recursos midiáticos disponíveis foram utilizados na sala de aula para trabalhar o conteúdo curricular, auxiliando a organização didático-pedagógica.

O estudo realizado pelos professores em formação continuada, apontou para a necessidade da incorporação da tecnologia à prática docente, entendendo tecnologia como uma prática eminentemente humana. Concordamos com Freire (1976b, p.98) que a tecnologia é “uma das grandes expressões da criatividade humana e como a expressão natural do processo criador em que os seres humanos se engajam no momento em que forjam o seu primeiro instrumento com o que melhor transformam o mundo”.

Os educadores, para Freire, precisam compreender, controlar e manipular a tecnologia. Para usar os aparatos tecnológicos é preciso conhecer a sua razão de ser. Entender o processo é fundamental, porque conduz os homens à humanização, a “deslocar-se de uma concepção de meio como suporte, para a idéia de mundo, passível

de transformação, evitando assim a maquinização ou animalização instintiva dos seres humanos” (FREIRE, 1976. p.87).

Dessa forma, a ação proposta junto aos professores e professoras das escolas públicas contribuiu para um exercício de criticidade em relação à utilização das tecnologias na educação em direção à práxis pedagógica. São práticas desenvolvidas para despertar a curiosidade epistemológica dos educandos e que poderão contribuir para a construção de um novo projeto político-pedagógico transformador.

Para Freire (1997), a práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre dessa compreensão, levando a uma ação transformadora. É uma síntese entre teoria-palavra e ação.

De acordo com Teruya (2009), com ao advento da internet surgiu uma imensa comunidade virtual e a necessidade de formação de professoras e professoras também para lidar com as diferentes mídias no processo de ensino e aprendizagem e para atuar na educação à distância e semi-presencial. A escola pública teve que se adaptar a essa nova realidade e incorporar os recursos midiáticos na sala de aula. Nesse sentido, a pesquisa aponta a necessidade da formação para que os educadores possam transitar pelas tecnologias em seu fazer didático-pedagógico.

A comunicação *online* possibilitou a viabilização da interação em ambiente virtual na educação escolar, à distância ou semipresencial. No uso das tecnologias *online* devemos ir além do consumo de mídias e partir para a produção de conteúdos significativos fundados em uma visão crítica e contestadora, compreender os valores, as ideologias que permeiam os posicionamentos políticos em um determinado contexto cultural, histórico e social. É preciso desconstruir o discurso midiático e desnaturalizar o óbvio que está na aparência das coisas, com base no conhecimento científico, cultural e filosófico (TERUYA, 2009, p.162).

Concordamos que “desconstruir o discurso midiático e desnaturalizar o óbvio” é uma necessidade na formação continuada dos professores e professoras para o uso das tecnologias educacionais em atividades pedagógicas na escola. Além disso, André (2001, p.86) aponta para o fato de que “o processo de formação docente precisa se estender ao longo do tempo e ter monitoramento contínuo [...] deve ter um acompanhamento qualificado, ou seja, prever a existência de pessoal tecnicamente bem preparado para assessorar as professoras e professores nas suas buscas e dificuldades”.

Nossa defesa é de que essa formação seja contínua e que não sejam medidos esforços para avançar a reflexão sobre a prática cotidiana do professor. Neste sentido, o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE propõe atender às necessidades dos professores do Estado, no que se refere à continuidade da formação, com tempo e espaço para esse fim.

Assim, concordamos com Pinto (2005) que não existe sociedade sem educação. A sociedade está constantemente equipando seus membros com conhecimentos e atitudes que permitem a sobrevivência do grupo humano. A sociedade educa o educador em um processo sem fim e de crescente complexidade. A qualidade técnica e profissional do educador está sempre submetida ao controle social pelos dispositivos legais que lhe atribuem esse grau, asseguram-lhe o exercício da docência e lhes proporcionam meios de constante aperfeiçoamento.

De acordo com o autor, há outro controle e é este que realmente importa, aquele exercido pela própria consciência do educador, o exame crítico do seu desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade lhe assinala como sua correta atividade.

Em relação à formação do educador, Pinto propõe que, a mesma se faz por duas vias: a via externa, que são os cursos de aperfeiçoamento, leituras de periódicos especializados, seminários, e a via interior que é a indagação à qual cada professor se submete relativa ao cumprimento do seu papel social. Uma forma profícua para essa formação é o debate coletivo, a crítica recíproca, a permuta de pontos de vista, para que os educadores conheçam as opiniões dos colegas sobre os problemas comuns da prática educativa, as sugestões que outros fazem e se aproveitam das conclusões destes debates. A condição para este constante aperfeiçoamento é, sobretudo, que o educador tenha a consciência de sua natureza inconclusa como sabedor.

CONSIDERAÇÕES

A implementação do projeto de trabalho na escola, como parte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE foi uma oportunidade inédita que contou com a participação das universidades na formação continuada professores e professoras da rede estadual que atuam no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Por sua vez, os professores PDE levaram para a sua comunidade escolar os conhecimentos construídos no decorrer das etapas do Programa.

Os professores PDE participantes do programa de formação continuada expressam sua percepção sobre a importância de estar continuamente estudando e da satisfação do trabalho coletivo junto aos pares nas escolas, permitindo, a abertura para o novo, para a criação de uma nova realidade. Entendendo que o novo, é sempre a expressão do velho.

Durante o processo de formação, eles depararam com o imprevisto, por mais que cada detalhe fosse minuciosamente pensado antes do trabalho de cada encontro. Foram estes momentos, fundamentais de orientação junto aos professores da Universidade, dando consistência, instrumentalizando-os para a efetivação da prática-teoria-prática.

Os envolvidos na implementação consideram a proposta essencial, porque os dados iniciais apontavam para a dificuldades dos professores e das professores PDE em utilizar os aparatos tecnológicos, especialmente em relação à forma, como aliar os recursos tecnológicos disponíveis ao seu plano de trabalho, ou de que forma promover a interação entre colegas de área e a comunidade escolar. A proposta de trabalho trouxe reflexões da ação pedagógica, cujo objetivo culmina com uma nova práxis na escola.

Os professores PDE contribuíram para tornar o ambiente da escola em um espaço para troca de perspectivas e vivências. Foi uma oportunidade de potencializar sonhos e possibilidades, enfrentar as contradições e desafios que o novo representa no exercício do trabalho docente. A experiência de professores e professoras participantes no Programa de Desenvolvimento Educacional representou a oportunidade de voltar a estudar, refletir sobre a prática e buscar alternativas de mudanças a problemas que identificaram em sua trajetória profissional.

Segundo os professores PDE, em processo de formação, os encontros de orientação na Universidade, foram essenciais para a definição da base teórica de estudo necessária à análise das questões formuladas e para implementar o projeto de ação nas escolas.

A possibilidade de estabelecer um diálogo com os pares aparece como elemento relevante para a efetividade do estudo. A melhoria dos trabalhos pedagógicos dos educadores e educadoras, no espaço coletivo de trocas e interações, torna-se uma necessidade iminente dos educadores diante da complexidade tecnológica que adentra o universo escolar.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação à distância na Internet:** abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em 29 de jun. de 2008.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.** Campinas : Papyrus, 2001.

APRENDENDO COM TECNOLOGIA. Disponível em: <<http://aprendendocomtecnologia.pbwiki.com>> Acesso em 12 de nov. de 2008.

Dia-a-dia Educação – Colabore! Faça parte você também desta comunidade! Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 09 de out. de 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade: outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976b.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas, SP: Papyrus, 2007.

NEVADO, Rosane Aragon. **Ambiente de aprendizagem:** do “ensino da rede” à “aprendizagem em rede”. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/nfa/tetxt2.htm>>. Acesso em: 27 de jun. de 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos.** São Paulo: Cortez, 2005.

Portal do professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>>. Acesso em 11 de nov. de 2008.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática:** um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre Mídia, Educação e Estudos Culturais. In MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.). **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares.** Maringá: Eduem, 2009.

TECNOLOGIA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE

Luciana Camurra
Universidade Estadual de Maringá- UEM-PR

Teresa Kazuko Teruya
Universidade de Brasília – UnB-DF

RESUMO

Nesse artigo tratamos da tecnologia de comunicação e informação nas instituições de ensino e na atuação de docentes. São reflexões teóricas desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Informática Aplicada à Educação (GEPIAE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Grupo de pesquisa Aprendizagem, Tecnologia e Educação a Distância da Universidade de Brasília (UnB), cadastrados junto ao CNPq. Nosso objetivo é compreender os desafios gerados pelas tecnologias midiáticas na escola e as possibilidades pedagógicas na sala de aula, com base nos Estudos Culturais. Realizamos, primeiramente, uma discussão sobre o contexto atual marcado pela globalização e pelo avanço tecnológico. No segundo momento, tratamos das repercussões trazidas pelas tecnologias midiáticas às escolas, ao trabalho docente e aos alunos, elencando alguns desafios e possibilidades nas práticas pedagógicas. Em nossa concepção, são possibilidades que visa a formação crítica, responsável e criativa de estudantes diante do universo midiático, já que o mundo tecnológico globalizado trouxe novas exigências para a educação escolar. Dentre elas, o reconhecimento e a aceitação de que, nos dias de hoje, a escola compartilha a função de formar as novas gerações, não apenas com a família, mas especialmente com os meios de comunicação e informação; a incorporação das tecnologias midiáticas ao processo de ensino e aprendizagem; a distinção entre informação e conhecimento; a compreensão das relações de poder que permeiam a identidade e a diferença e a superação da função de transmissor para mediador do conhecimento, especialmente no caso das mensagens difundidas pela mídia. Na formação docente é preciso reconhecer e dominar o potencial educativo das tecnologias e aplicá-los em um projeto pedagógico voltado para construção da autonomia discente e formação para o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Formação docente, Mídia na educação, Tecnologia.

INTRODUÇÃO

As formas de aquisição e apropriação de informações e conhecimentos se modificam diante das inovações tecnológicas. As diferenças que surgem nas formas de aprendizagem exigem novas abordagens de ensino, com novos conteúdos curriculares, novos métodos e também novos instrumentos.

Na perspectiva dos Estudos Culturais buscamos entender as repercussões da cultura midiática no âmbito da escola, na vida do aluno e na prática docente. Concordamos com Costa (2002) que só é possível conhecer parcialmente e de forma provisória um determinado assunto, por isso, pretendemos apenas tratar de alguns dos desafios que os meios de comunicação e informação tem gerado ao sistema de ensino.

Partindo de uma discussão sobre o contexto atual marcado pela globalização e pelo avanço tecnológico, refletimos sobre algumas repercussões trazidas pelas tecnologias midiáticas às escolas, ao trabalho docente e aos alunos, elencando alguns desafios e possibilidades de ação, que em nossa concepção, são possibilidades que visam formar os alunos e alunas para atuarem de forma crítica, responsável e criativa, diante do universo midiático.

Constatamos que o mundo tecnológico globalizado tem trazido inúmeros desafios à escola e aos educadores e educadoras, e por isso, torna-se cada vez mais indispensável reconhecer e dominar o potencial educativo das tecnologias e aplicá-los em um projeto pedagógico, comprometido com a formação de crianças e jovens críticos e criativos diante dos meios de comunicação e informação.

Tecnologias midiáticas no contexto da globalização.

As inovações tecnológicas que intensificaram o desenvolvimento dos meios de comunicação e informação, em meados do século XX, permitiram ao mundo, tornar-se globalizado (TERUYA, 2006). De maneira geral, surge uma sociedade pautada por sistemas de informação e comunicação com uma velocidade cada vez maior de veiculação instantânea de imagens, sons e mensagens, por meio das tecnologias online.

Com a expansão e desenvolvimento dos meios de transporte, dos meios de comunicação, da intensificação da produção ocorre também um crescente aumento do consumo de mercadorias. O local e o global tornam-se cada vez mais conectados. Isso

tem transformado não apenas a economia mundial, mas as relações sociais, as culturas e as identidades dos sujeitos contemporâneos (HALL, 2006).

Assim, a globalização, entendida como um processo que sofreu e gerou intensas modificações nas últimas décadas, traz consigo as mudanças nas relações de tempo e espaço. O rompimento fronteiras geográficas, econômicas e culturais gera processos contraditórios que tendem a homogeneizar algumas culturas e diferenciar outras, simultaneamente (HALL, 2006).

Desta forma, a cultura da mídia é caracterizada pela circulação de discursos, valores e modelos de conduta em uma amplitude planetária. Por isso, possui um grande potencial de interferências na formação dos indivíduos, especialmente das crianças e jovens. A fragilidade de instituições como a escola e a família diante da onipresença das tecnologias midiáticas, entendemos que estas se constituem, nos dias de hoje, como “[...] fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural” (KELLNER, 2001, p. 10), ensinando os modos de se comportar, pensar, sentir e desejar, com mais eficiência que as instituições tradicionais de formação.

A tecnologia midiática, portanto, está conectada no processo de globalização econômica e cultural, provocando transformações nas relações sociais, que exigem uma nova postura por parte da escola e dos professores.

Desafios e possibilidades das tecnologias na educação.

A sociedade contemporânea é marcada por um processo contínuo de mudanças e isso aumenta os desafios para as instituições de ensino e para os docentes, porque necessitam de mudar os paradigmas em virtude das questões cada vez mais protagonizadas pelas mídias.

Nos dias de hoje, a escola apresenta-se como um dos diferentes espaços onde acontece a formação cognitiva, social e cultural das crianças e jovens. No entanto, não representa o único lugar de legitimação do saber. A tecnologia midiática é responsável pela circulação de informações e conhecimentos com grande rapidez e variedade que atua na formação social, cognitiva e psicológica de crianças e jovens, com muita eficiência.

Diante das tecnologias de comunicação e informação, que ocupam muitas horas do público infantil e juvenil de forma atrativa e dinâmica, atendendo aos interesses da nova geração, a família e a escola perdem prestígio no processo formativo dos

educandos (BELLONI, 1998; SETTON, 2005). No sistema escolar, muitas escolas ainda continuam em sua forma tradicional, já que não acompanham as mudanças necessárias para tornar a aprendizagem mais significativa aos alunos.

Contudo, este é um dos fatores que, entre tantos outros argumentos, contribuem para fragilizar o potencial educativo da educação escolar. “A escola e a família, enquanto instituições especificamente encarregadas da educação das crianças e jovens são talvez as mais desafiadas pela presença dos modernos meios e tecnologias de informação” (OROZCO GÓMEZ, 1997, p. 57).

Assim, entendemos que um dos desafios que as tecnologias midiáticas trazem à escola e ao professor, é o reconhecimento e a aceitação de que, nos dias de hoje, compartilham, não apenas com a família, mas especialmente com os meios de comunicação e informação, na função de formar as novas gerações. Compreender este fato é o primeiro passo para que aconteçam as mudanças necessárias ao sistema de ensino, desde o currículo escolar até as políticas educacionais. Nas práticas pedagógicas, é preciso rever os métodos e recursos didáticos, para se inserir na sociedade tecnológica e midiática.

Outro desafio que a cultura da mídia traz ao sistema educativo são os saberes que circulam fora da escola. As tecnologias, especialmente online, possibilitam aos educandos e educandas, o acesso as informações e conhecimentos mais atualizados e/ou adequados, do que aqueles que compõem o currículo escolar, dos livros didáticos, e até mesmo, os conhecimentos do próprio professor e professora.

Os saberes que antes tínhamos acesso apenas pelos livros e professores/as, estão perdendo relevância e credibilidade na concepção de alunos e alunas, diante da abundância de informações e conhecimentos atualizados veiculados na mídia. Os/as estudantes questionam os saberes enciclopédicos e, muitas vezes, sem significados, por que são considerados descontextualizados e ultrapassados, que, no entanto, o professora/professor continua transmitindo na sala aula.

A tecnologia midiática, segundo Setton (2004), oferece recursos para a reflexão acerca das condições de vida de crianças e jovens estudantes; favorece a articulação e reelaboração do conhecimento sobre o mundo, tanto informal quanto formal, por isso é um fator relevante na construção da realidade de educandos e educandas. Entendemos que este caráter educativo e, também, socializador da mídia, além de desconhecido, é desacreditado ou ignorado pelas instituições de ensino.

Assim, é indispensável que a escola e os professores levem em conta a formação proposta pelas mídias (BACCEGA, 2003). Ou seja, considerar que aqueles conhecimentos e informações que circulam nos meios de comunicação e informação interferem na formação das alunas e alunos, seja para o bem ou para mal, e são tão significativos quanto os saberes escolares.

A partir desta compreensão, o professor saberá da importância de se trabalhar com os alunos, as informações veiculadas na mídia e trazidas por eles, tornando a aprendizagem, de fato, contextualizada e significativa aos educandos. Com base nos conteúdos midiáticos trazidos pelos próprios discentes, o/a docente pode levantar questões para discussão e reflexão e desta forma possibilitar outras formas de interpretação.

Assim, o processo de ensino e aprendizagem pode ultrapassar os muros escolares, visto que ao situar os conteúdos midiáticos dentro de um contexto de comunicação ativa por meio da análise crítica, a reflexão e postura ativa surgirá no processo de recepção fora da sala de aula.

As mudanças trazidas pelos meios de comunicação e informação têm gerado à instituição escolar “[...] uma posição defensiva, e a construção de uma idéia negativa e moralista de tudo que a questiona em profundidade” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 56-57). Com sua pretensão hegemônica a respeito da produção e mediação do saber, a escola rejeita as tecnologias midiáticas ou deixa de reconhecê-las como instituições que também educam as alunas e alunos, mesmo que, muitas vezes, sem essa intenção. (OROZCO GÓMEZ, 1998). Neste sentido, Orofino (2005) diz o seguinte:

A escola está aparentemente fechando os olhos para as transformações substanciais em nossa cultura tanto material quanto simbólica. Isso implica em assumirmos os riscos de provocar mudanças na prática educacional dominante, ancorada e viciada em modelos fragmentadores que já não respondem às dinâmicas culturais contemporâneas. O espaço escolar precisa dialogar com estes dos novos cenários e paisagens culturais de onde emergem novas subjetividades (políticas) que se revelam nas localidades e culturais de bairro (OROFINO, 2005, p.123).

Em uma discussão sobre os desafios educativos diante dos meios de comunicação de massa, Orozco Gomez (1997) defende a necessidade de que a escola faça dos meios, aliados, ao invés de considerar inimigos que competem com a escola e faça com que esta perca a relevância na educação das crianças.

As tecnologias midiáticas precisam ser incorporadas ao processo de ensino e aprendizagem, tanto como meio, no sentido de educar “com” a mídia, quanto como fim, buscando educar “para” a mídia, cujo objetivo maior da educação é a formação e apreciação crítica da cultura da mídia.

Para que a instituição escolar cumpra sua função na construção de conhecimentos e formação humana, deve, portanto, realizar a integração de dois campos culturais: a educação e a comunicação, compreendendo-as dentro do processo de criação e transmissão da cultura, ou seja, como espaços de luta entre interesses contraditórios (BELLONI, 1998). Sendo assim, as professoras e professores e a escola devem assumir o papel de agentes mediadores entre as tecnologias midiáticas e os/as estudantes.

Todavia, não basta que o meio de comunicação e informação esteja presente na escola como um recurso para tornar as aulas mais atrativas aos alunos (TERUYA, 2000). A mediação entre os meios e os sujeitos exige uma prática pedagógica voltada para a totalidade do processo de comunicação, visto que é necessário trabalhar com os diferentes momentos deste processo - **produção, leitura crítica e recepção de mensagens.**

Nessa perspectiva, entendemos que utilizar a mídia na sala de aula apenas como ferramenta ou instrumento corresponde a uma concepção tecnicista de ensino. Por outro lado, restringir-se à reflexão sobre os conteúdos das mídias pode conduzir ao moralismo. Por isso, defendemos a necessidade de se considerar a complexidade do processo comunicativo, levando em conta as características técnicas e estéticas da mídia, para favorecer a compreensão e uso criativo dos meios.

Os meios de comunicação e informação, mediadores entre nós e o mundo, desempenham o papel de veicular as diferentes realidades dos mais distantes lugares do mundo. São os divulgadores em grande quantidade e intensa velocidade, de informações fragmentadas e tomadas, muitas vezes, como conhecimento. Na cultura midiática, a informação, portanto, tem prevalecido sobre o conhecimento. Diante deste fato, concordamos que “informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. Mas o conhecimento implica crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação” (BACCEGA, 2001, p.8).

De acordo com Baccega (2003, p.130), informação pode ser entendida como: “[...] dados fragmentados, disponibilizados, em geral, pelos meios de comunicação ou pela internet. Sua produção em número elevado, veiculada em espaço de tempo

reduzido, causa ao receptor a sensação, enganosa, de conhecer a realidade”. Diferente do conceito de informação, o conhecimento implica que a crítica e a informação, inserida em uma totalidade, estejam relacionados entre si. Trata-se de um processo de interação entre o sujeito e o objeto que se pretende conhecer. Isso significa que é fundamental conhecer os fatos em sua totalidade, considerando os diversos aspectos culturais, sociais, econômicos e históricos.

O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um *dado*, possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer à superfície o que ainda é virtual, o que, na sociedade, está ainda mal desenhado, com contornos borrados. (BACCEGA, 2001, p.8 – grifos da autora).

Salientamos a necessidade de a educação escolar favorecer a compreensão crítica das mensagens e narrativas veiculadas nas mais diversas mídias, já que não basta apenas criticar de forma pessimista os meios de comunicação ou excluir a mídia das salas de aula. Devemos considerar que crianças e jovens precisam de outro referencial distinto daquele oferecido pelos meios de comunicação.

A partir desta compreensão, entendemos que o professor pode atuar como mediador entre os alunos e as mídias, discutindo e reelaborando os conteúdos da mídia na intenção de transformar a informação em conhecimento. Na prática escolar, precisamos ir além da denúncia dos limites das mídias para desconstruir e decodificar as mensagens midiáticas presentes no cotidiano de crianças e jovens.

Na contemporaneidade, os sujeitos vivenciam a constante mudança, intensificadas pelos meios de comunicação e informação. Isso nos leva a conhecer diferentes culturas do mundo inteiro que nos oferecem novas formas de ser e pensar. O acesso a informações provenientes de muitos lugares do mundo, ao mesmo tempo em que “hibridiza” (CANCLINI, 2000) as culturas possibilitando não uma, mas diversas identidades num mesmo local, por outro também homogeneiza, padronizando valores, gostos e comportamentos. De um lado, os locais se misturam, e identidades que antes eram regionais podem ser encontradas agora em qualquer local. De outro, certos padrões se encontram em todos lugares do mundo, padrões que se relacionam ao consumo (HALL, 2006)

A diferença, assim como a identidade, são relações sociais sujeitas às forças de poder, que atuam por meio das exclusões, inclusões, delimitação de fronteiras,

classificações e normalizações. Identidade e diferença estão diretamente relacionadas à determinação de quem pertence ou não, de quem é diferente ou não, de quem é normal ou não (SILVA, 2000).

[...] na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder (p. 81).

Pensar nas relações de poder presentes na questão da identidade e da diferença é fundamental para problematizar a concepção de identidade e diferença como fator de discriminação, preconceitos e exclusão. A crença de que todos têm que ser idênticos uns aos outros, marginalizam aqueles que não se enquadram no padrão almejado pela sociedade. Neste sentido, a diferença não é vista como distinção e sim como desqualificação, desigualdade, desacordo ou desvio. Por isso, as identidades que não estão de acordo com o modelo convencional são rejeitadas e segregadas. Daí a urgência em romper com a antiga concepção de identidade fixa e estável, ou seja, isenta de movimentos e mudanças (MARTINELLI, 1995).

Os meios de comunicação e informação produzem, reproduzem e transmitem mensagens com intenções padronizadoras, e por isso, excludentes, porque atendem aos interesses econômicos e políticos hegemônicos. Esse esclarecimento vislumbra a possibilidade de amenizar seus efeitos, na medida em que, especialmente a escola, exerce a função mediadora dos conteúdos midiáticos que contribuem para a padronização de identidades e exclusão das diferenças, favorecendo a postura ativa, crítica, criativa e emancipatória diante dos meios.

A escola possui, portanto, um papel fundamental como espaço de problematização das mensagens midiáticas, apresentando-se como local em que os discursos veiculados podem ganhar outros significados, podendo ser superados ou, ao menos, contestados. A mídia e a própria escola, ao desconsiderar a diversidade e as diferentes manifestações culturais, atendem a lógica da homogeneização cultural e conseqüentemente, excluem o diferente, na medida em que seus esforços contribuem para que a identidade dos sujeitos permaneça ou torne-se igual a um determinado tipo de identidade. É urgente uma educação pautada no respeito à diversidade sociocultural,

e que por meio do diálogo e do respeito mútuo, garanta o convívio construtivo na diferença.

Em nossa sociedade globalizada e excludente, a mediação docente é uma possibilidade de superação das desigualdades socioculturais. A instituição escolar necessita compreender e refletir com alunos e alunas sobre a identidade como uma construção que ocorre na relação com o outro, constituindo-se, portanto, como uma produção social e cultural, permeada por relações de poder. Precisa também possibilitar discussões sobre a pluralidade e diversidade de identidades no contexto da globalização e da cultura da mídia. Esta postura é uma maneira de amenizar o preconceito, a discriminação e as práticas de exclusão das diferenças. Por isso, as diferenças precisam ser não apenas toleradas, mas compreendidas, respeitadas e valorizadas.

O Professor e as Tecnologias Midiáticas: De Transmissor a Mediador do Conhecimento

Partindo dos desafios apontados neste artigo, entendemos que a mediação docente na educação para/com a tecnologia midiática, é uma possibilidade de ação pertinente as demandas da atual sociedade do conhecimento e da informação. Percebemos que os recursos tecnológicos têm desempenhado o papel de mediador entre os indivíduos e a realidade objetiva. O aparato midiático, muitas vezes, está presente na vida dos alunos e das alunas por mais tempo do que a escola e até mesmo a família. Esse contexto nos alerta para a importância da mediação docente.

Hoje essa função mediadora é realizada pelos meios de comunicação de massa. Nem a família, nem a escola – velhos redutos de ideologia – são já o espaço-chave da socialização, os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade, que começaram transformando os modos de vestir e terminam provocando uma ‘metamorfose dos aspectos morais mais profundos’ (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 66-67).

Diante da quantidade de informação que recebemos diariamente, o/a professor/a mediador/a da mídia deve ser aquele que contribui para que os/as educandos/as atribuam sentidos as informações a partir de seus distintos contextos. Isto exige consideração e compreensão de realidades culturais plurais e diversificadas, em que as condições de vida, a estrutura econômica, a religião, o modelo familiar, a etnia, o

gênero, dentre outros fatores da cultura de cada aluno, atuem também como mediadores na recepção da mídia.

Essa mediação deve orientar a aprendizagem do/a aluno/o para fora da sala de aula, para que possa “recontextualizar” aquilo que foi aprendido na escola, no momento em que se encontrarem diante dos meios de comunicação e informação. Assim, seria possível aproveitar de forma positiva as mensagens que dos meios (OROZCO GÓMEZ, 1997).

A nova geração alfabetizada com as linguagens midiáticas é, ao mesmo tempo, carente de referenciais seguros diante do fluxo de informações e conhecimentos. Nesse sentido, não cabe mais ao professor apenas transmitir saberes, como se esse fossem únicos e imutáveis, mas sim, mediar às mensagens que os alunos recebem das diferentes mídias, diariamente e em grande quantidade e velocidade. Em outras palavras, não cabe ao professor, nos dias de hoje, restringir-se a transmitir conteúdos, mas também, mediar e ensinar o aluno a refletir, criticar, reelaborar, aprender para interpretar ativamente as mensagens das tecnologias midiáticas.

A prática docente exige, portanto, uma disposição para pesquisar e buscar coisas, junto com estudantes, por meio de uma postura de questionamento constante, comparação, análise, reflexão e crítica em relação à mídia. Qualquer metodologia adotada na sala de aula deve contemplar as características atuais do conhecimento e saber que é impossível dominar todas as informações. Esse é o papel da docência diante do mundo repleto de mídias. (OROZCO GÓMEZ, 1998).

É urgente, portanto, formar professoras e professores mediadores da tecnologia midiática, para educar seus alunos a compreenderem o significado da experiência de serem telespectadores, interpretar com profundidade a cultura da mídia e reconhecer os diferentes modos de apropriação dos produtos culturais. Assim, o processo de recepção dos meios pode tornar-se, de fato, um espaço de interação e negociação de sentido, de reflexão e análise, questionamentos e posicionamentos que confrontem as mensagens midiáticas de forma reflexiva e crítica.

Constituir-se em espaço de mediação entre a criança e a mídia, apresenta-se como um dos desafios que precisam ser enfrentados pela escola. Esta precisa dar condições, preparar crianças e jovens para a apropriação criativa e crítica das mensagens que recebem diariamente, dos meios de comunicação e informação. Desta forma, contribuirá para formar cidadãos livres e autônomos, sujeitos do processo educacional e não sujeitados aos interesses dos que dominam os meios.

CONSIDERAÇÕES

Estamos diante de novas dinâmicas socioculturais que desafiam a escola e a prática docente. Assim, a reflexão sobre a formação docente, não pode deixar de lado a educação realizada pelas mídias. Não podemos, portanto, continuar pensando a educação em sua concepção tradicional, porque é urgente entendê-la no contexto atual marcado por mudanças que alteram a formação do sujeito, especialmente no acesso e apreensão das informações e conhecimentos.

Enquanto a instituição escolar vive uma crise de identidade e de paradigmas, desorientada pelas múltiplas demandas que surgem na atualidade, a mídia atua de forma significativa na formação das crianças e jovens. Os aparatos midiáticos funcionam como uma “escola paralela” que se faz presente de forma ameaçadora a outras instâncias educativas já legitimadas, como a família e a escola.

É preciso refletir sobre o espaço que a mídia ocupa na formação dos sujeitos e os desafios que essa relação impõe ao processo educativo. As mudanças que presenciamos na sociedade contemporânea, especialmente aquelas relacionadas à intervenção dos meios de comunicação e informação, exigem da escola, transformações em todos os aspectos que a constituem. É preciso reavaliar teorias e reinventar estratégias e práticas.

Nesse sentido, há uma exigência de rever os métodos educativos e os currículos escolares, adaptar as linguagens para atender aos/às alunos/as midiáticos/as. A cultura da mídia traz para a educação o desafio de desenvolver caminhos produtivos que conciliem a escola e o meio cultural na qual está inserida.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Da informação ao conhecimento: ressignificação da escola. **Comunicação & Educação**. São Paulo, vol. 8, n. 22, p. 7-16, 2001.

BACCEGA, M. A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000.

BELLONI, Maria Luiza. Tecnologias e Formação de professores: rumo a uma pedagogia pós-moderna? **Educação & Sociedade**. Campinas, CEDES, ano XIX, nº 65, dez. 1998, p. 143-162.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In MORAES, D. de (Org). **Sociedade Midiatizada**. (pp. 51-79). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Uma abordagem socioeducacional. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo : Cortez : Instituto Paulo Freire, 2005.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisa. **Comunicação e Educação**. São Paulo, n.10, p. 57-68, set./dez. 1997.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Uma pedagogia para os meios de comunicação – Entrevista. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.12, p. 77 a 88, maio/ago, 1998.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporânea. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e Educação na Era Midiática: uma visão sociológica**. Tese (Doutorado em Educação). UNESP, Marília, 2000.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e Educação na era midiática**. Maringá: Eduem, 2006.